

“Minha vida não mudou. Meu ego sim”

A atriz Roberta Close travou briga judicial, por 16 anos, para conseguir deixar de ser Luís Roberto Moreira, conseguindo os novos documentos apenas em março de 2005.

Dentre as mais de 2.100 cirurgias realizadas mensalmente pelo Hospital de Base de São José do Rio Preto, uma delas teve como paciente M., 28 anos, que mora no interior de SP. Ela juntou dinheiro e se submeteu à cirurgia de transgenitalização, ou seja, de mudança de sexo. Falou com a Culturando 40 dias depois de sua operação.

No Hospital de Base de São José do Rio Preto, em 10 anos, foram 78 operações. Foi o primeiro a realizar a cirurgia de transgenitalização em SP. Com o mesmo desejo de M., existem cerca de 300 pessoas na fila

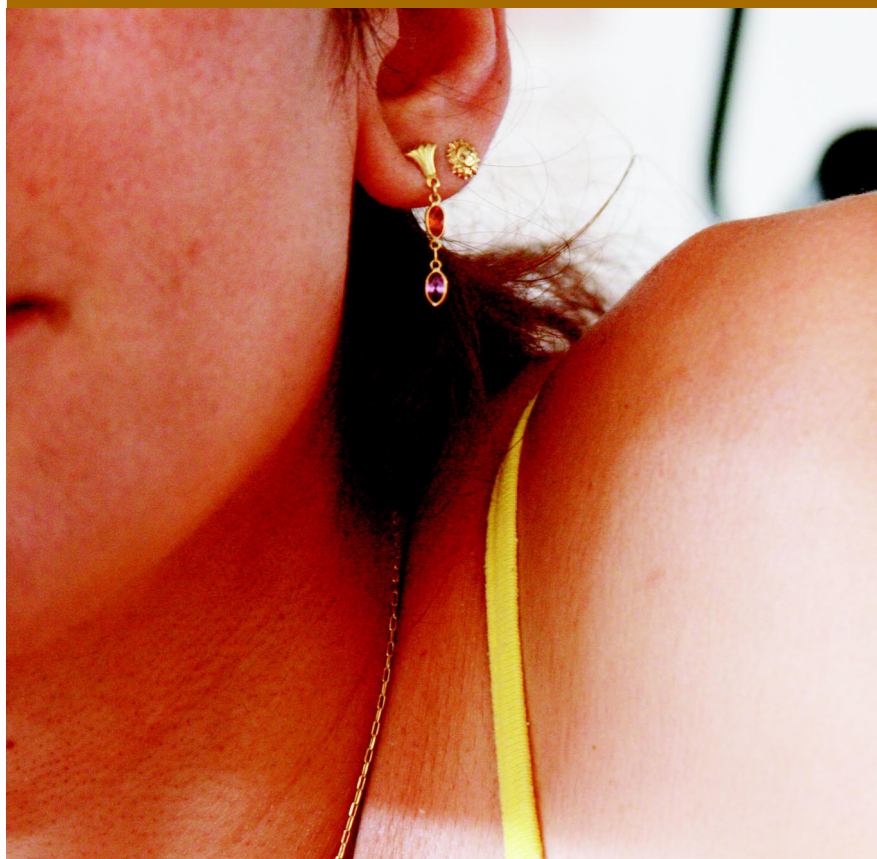
MINHA DECISÃO foi tomada ainda na pré-adolescência, quando tomei conhecimento da primeira cirurgia de mudança de sexo no Brasil, feita pela atriz Roberta Close em 1.989. Sempre tive vontade de fazer, mas a cirurgia é bem cara.

IMAGINE chegar com um currículo profissional, com o nome de homem e a aparência de mulher. Eu entrava e diziam: ‘mas queremos falar com o (seu nome de homem). Aí eu explicava a situação e logo depois já vinha o papo de que, ‘qualquer coisa me ligariam para o emprego’. E nada”.

DESDE CRIANÇA tenho o desejo de ser uma mulher completa. Nunca tive experiência sexual com mulheres. Aos 14 anos, deixei meu visual “masculino” de lado. Esse momento foi difícil para mim e para minha família. Mas, daí para frente, tive todo o apoio que precisei.

DOIS ANOS ANTES da operação, fiz dois anos de tratamento psicológico. Se a psicóloga não tiver a certeza de que você é uma transexual, não adianta dinheiro nenhum para conseguir a cirurgia, porque não tem jeito. É como a cirurgia de redução de estômago: você deixa de ter algo com que conviveu a vida inteira; por isso o tratamento psicológico.

O PRAZER é diferente entre o homem e a mulher. Quando se muda de sexo, é preciso descobrir esse novo prazer. Tem gente que operou e não conseguiu encontrá-lo: passa a não sentir mais nada e enlouquece. Inclusive tem mulheres que, até hoje, não encontraram seu Ponto G e não sentiram prazer por completo. Terei prazer físico pela estimulação do que ainda existe da próstata, mas é totalmente diferente. Ainda terei prazer psicológico de estar com alguém sendo mulher por inteiro.



GAY e TRAVESTI são homossexuais que, em grande parte, são ou foram ativos em relações sexuais. O transexual, por sua vez, nunca usou seu “instrumento”. Nunca tive uma relação heterossexual em minha vida. Nunca quis. A grande maioria dos homossexuais que conheço não quer essa mudança.

CONHECI UM CASO ÚNICO no período em que frequentei o Hospital de Base. Um homem, que tem uma relação heterossexual estável, quer se tornar mulher e manter seu relacionamento com sua esposa. O relacionamento será, então, homossexual: trata-se de um homem que amam sua mulher, mas nunca se sentiu homem.

NOVE EM CADA DEZ transexuais mudaram de cidade. Encontram um namorado, mas sempre alguém acaba dizendo o que ocorreu e dificulta muito as relações. Para mim, minha vida continua a mesma. O que mudou foi meu ego. Nunca me senti à vontade numa relação; por exemplo, não conseguia para tomar banho com meu parceiro, mesmo quando ele não se importava. Eu me importava. Agora, tudo mudou, mesmo ainda estando em recuperação, já me olho no espelho satisfeita.

AINDA VÃO ME APONTAR NA RUA e dizer: ‘aquele lá era homem’. Sei disso. Mas mais do que a mudança física, meus documentos também estão em mudança. Só o fato de não ter esse “algo mais”, esse negócio em mim, já estou feliz.